Performances polêmicas: religião, mídia e mediações do Movimento Raeliano no espaço público

Carly Machado*

Resumo

Este artigo analisa a intrínseca relação entre religião, esfera pública e mídia de massa na configuração das políticas de difusão e construção de legitimidade para os membros do Movimento Raeliano Internacional. Como foco desta análise, considerou-se a construção na esfera pública de performances polêmicas, típicas desse movimento, e os modos pelos quais essas ações de apoio a causas moralmente controversas e sua difusão pela mídia de massa operam como mediadores morais centrais à experiência raeliana.

Palavras-chave

Religião. Mídia. Esfera pública. Performance. Polêmica.

Abstract

This paper analyses the intrinsic relationship between religion, public sphere, and mass media in the configuration of policies to disseminate and build legitimacy for the members of the International Raelian Movement. This analysis was focused on the construction of controversial performances, typical of this movement, in the public sphere, and the ways by which these supportive actions to morally controversial causes and their dissemination by the mass media operate as central moral mediators to the raelian experience.

Keywords

Religion. The media. Public sphere. Performance. Controversy.

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil) e professora adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil). E-mail: machado.carly@gmail.com.

Foram incontáveis as vezes em que precisei explicar e contextualizar o, a princípio desconhecido, Movimento Raeliano ao identificar meu trabalho de pesquisa. Uma resposta sempre eficiente era lembrar o aparecimento de seus representantes na TV em 2002 divulgando o nascimento do primeiro clone humano. Pouco conhecido, especialmente no Brasil¹, o Movimento Raeliano apoia-se na memória do público brasileiro – e isso se repete também em outros países – fundamentalmente, e por vezes exclusivamente, pela referência ao seu aparecimento na televisão e em outras mídias de massa veiculando uma notícia de impacto internacional relacionada ao referido sucesso de seu projeto de clonagem humana e o nascimento de Eva, que seria esse primeiro clone humano.

Compensando a pequena dimensão de um grupo de grandes intenções², os líderes do Movimento Raeliano têm por estratégia promover ações midiáticas de cunho polêmico, e, portanto, atrativas, provocando o debate sobre temas controversos no cenário moral e ético na esfera pública, tais como este referido à clonagem humana.

Neste artigo pretendo analisar as performances polêmicas do Movimento Raeliano no espaço público, elegendo como foco específico a projeção desses eventos nos meios de comunicação de massa. Como viés analítico, tomo a noção de polêmica como mediação moral eficaz na difusão religiosa desse Movimento, que, através da projeção de um conjunto extenso de valores controversos no espaço público, oferece uma ampla gama de alternativas simbólicas capazes de atrair atenção e também adeptos pela via de uma convergência moral a tais condutas e valores que operam como mediadores indispensáveis à crença e à construção de legitimidade da mensagem religiosa extraterrestre raeliana.

¹ Em outros países em que circulei com a pesquisa, a identificação do Movimento Raeliano é mais imediata, principalmente no Canadá, na França e na Bélgica. Na França e na Bélgica, pelas tensões em torno do grupo e as acusações antissectárias. No Canadá, porque o profeta do grupo viveu naquele país e, por isso, a difusão das ideias do Movimento e seu número de adeptos são mais expressivos.

² O Movimento Raeliano afirma contar com 60 mil adeptos em todo o mundo. A estrutura formal do grupo (responsável por suas atividades) contava com aproximadamente 3.500 membros no ano de 2005. A organização do Movimento Raeliano, no entanto, estrutura-se internacionalmente, cobrindo os cinco continentes, e é continuamente orientada por projetos de difusão “planetária”, usando a categoria nativa de descrição de suas estratégias. O objetivo central da difusão não é estimulado apenas pela quantidade de adesões pessoais ao movimento, mas também pela quantidade de países alcançados pela mensagem e com grupos nacionais organizados: que não sejam muitos, mas que estejam por todo o planeta.

Orientam este artigo vertentes conceituais importantes na análise da relação religião e espaço público. De um lado, o convite de Birman (2003) para um olhar mais atento para o diálogo, a dinâmica e os confrontos “que se integram na configuração tanto do que se designa como ‘religião’ na sociedade quanto do espaço público em que estas dinâmicas acontecem” (:11). Ao sugerir a atenção a esses entrelaçamentos, Birman propõe o “religioso” no espaço público não como um dado, mas como um “ator entre outros na sociedade” (:12). Compondo esse quadro analítico, destacam-se ainda os debates sobre o papel da mídia na trama de relações da religião com o espaço público, tal como discutido por Meyer & Moors (2006). Essas autoras nos convidam a pensar de que forma a acessibilidade às novas mídias de massa, oferecidas por novas infraestruturas globais e tecnologias midiáticas, bem como políticas de estado para liberação da mídia, facilitam a articulação pública da religião. Mediações tornadas possíveis através dos diferentes meios de comunicação de massa tornam-se, assim, elementos fundamentais e indispensáveis à análise das configurações da mediação religiosa no espaço público.

Na articulação entre religião, mídia e espaço público, a promoção de eventos polêmicos configura um campo performático central na análise do Movimento Raeliano ao tomar como enredo preferencial temáticas controversas que apontam significativamente em duas direções: por um lado, para elementos centrais da mensagem raeliana e, de outro, estratégias essenciais à compreensão de seu modo de funcionamento, a saber, a íntima articulação entre religião e mídia na configuração das práticas religiosas do movimento. Pretendo demonstrar neste artigo como mídia, religião, polêmicas e performances compõem um conjunto de categorias indispensáveis à compreensão do Movimento Raeliano, bem como um cenário de amplas possibilidades analíticas do campo religioso nacional e internacional, especialmente no âmbito dos novos movimentos religiosos.

Em sua análise sobre a relação entre o jornalismo e a polêmica, Wainberg, Campos & Behs (2002) apontam para a dificuldade de delimitação do que denominam natureza do discurso polêmico. Indicando o imperativo de uma compreensão das variações culturais do que é considerado polêmico, tais autores elencam, relacionados a essa modalidade discursiva, elementos como angústia moral, dissonância cognitiva, abalo, crise, mal-estar, envolvimento, paixão e ódio (:48). Para eles, a existência de um dilema é condição da polêmica.

Percebe-se, nesta análise, elementos importantes de uma dimensão afetiva e moral da polêmica, aspectos dramáticos intensos, componentes emocionais, mobilizadores, que convidam as partes a um confronto de posturas e ideias, as quais são apresentadas com clareza e convicção, desafiando aqueles que assistem a esse confronto à resolução do dilema e à adesão a um lado do argumento. Nesse sentido, pretendo analisar de que forma, ao mobilizar mudanças ou reafirmação de valores, o discurso polêmico pode se tornar uma linguagem poderosa na difusão de ideias religiosas no contexto específico do Movimento Raeliano.

“Adesão (à) polêmica”: vicissitudes do tornar-se raeliano

O estudo de novos movimentos religiosos aponta como uma das principais interrogações que permeiam esse campo o questionamento público frequente quanto ao sentido da adesão de pessoas “aparentemente esclarecidas” a “seitas” consideradas estranhas, inusitadas e por vezes perigosas (CHRYSSIDES & WILKINS, 2006; HEXHAM & POEWE, 1997). Aderir a um movimento com esse perfil é uma atitude que, portanto, provoca polêmica em diversos países. Argumentos sobre manipulação mental reforçam o cenário com respostas que confirmam, na base da adesão, uma alienação de si mesmo, resultante da ação externa de um “guru” ou um grupo capaz de capturar um jovem “normal” e torná-lo um fanático (BIRMAN, 1999, 2005; GIUMBELLI, 2002).

Com o Movimento Raeliano o cenário não é diferente. O profeta Raël, criador do Movimento e cujo nome de batismo é Claude Vourilhon, afirma haver recebido uma mensagem de seres extraterrestres que se revelaram a ele como os criadores da raça humana na Terra. Referindo-se a dois encontros com esses seres por ele denominados “Elohim”, Raël assume a tarefa de difundir sua mensagem aos seres humanos. Dentre os principais elementos da referida mensagem dos Elohim, encontra-se a “revelação” da inexistência de Deus, e quaisquer outros deuses, sendo a criação da vida humana uma responsabilidade desses seres extraterrestres, “humanos como nós”, apenas mais evoluídos e habitantes de outro planeta. A evolução dos Elohim evidencia-se por seu alto nível de desenvolvimento científico e tecnológico. Ciência e tecnologia operam, portanto, no Movimento Raeliano como símbolos de evolução (RAËL, 2003a, 2003b, 1998).

Movendo tecnologias sociais e subjetivas, o Movimento Raeliano difunde intensamente um conjunto de valores autodenominados “anticonformistas” que se opõem diretamente à moral tradicional cristã e se colocam irrestritamente a favor de toda causa que advoga o desenvolvimento científico. É através da adesão a esses valores que o membro do movimento evolui, a humanidade evolui ou, em termos raelianos, avança no processo de “elohiminização”.

Na tensão típica entre “seitas” e “sociedade esclarecida”, os líderes do Movimento Raeliano optam por potencializar a controvérsia, fazendo-a agir a seu favor (BECKFORD, 1985). O apoio a causas polêmicas configura-se assim em um dos indicadores mais marcantes do que significa ser raeliano e evoluir enquanto tal. No campo científico, a evolução é perseguida através do apoio a causas biotecnologicamente controversas como alimentos geneticamente modificados, clonagem humana e células-tronco. Como exemplo, destaca-se uma ação em apoio aos alimentos geneticamente modificados quando, em 2003, 300 raelianos deitaram-se nus em um campo no Québec (Canadá) desenhando com seus corpos a frase “I Love GM” (*Genetically Modified Organisms*)³.

No campo moral, a ideologia raeliana promove apoio a ideias polêmicas e movimentos sociais minoritários, recobrando uma ampla gama de assuntos controversos na cena pública, dentre eles o apoio ao aborto, ao sexo livre, à homossexualidade, a rejeição ao casamento, à constituição da família nos termos da família tradicional cristã, dentre outros.

No contraponto ao argumento da manipulação mental, faz-se indispensável analisar as modalidades de crença que envolvem adeptos do Movimento Raeliano ao grupo de que fazem parte. Sua convicta adesão às bandeiras morais polêmicas mobilizadas pelo grupo operam como uma mediação moral significativa na criação do vínculo de pertencimento de uma parte expressiva dos membros do movimento. Sendo assim, dois agenciamentos polêmicos se fortalecem: de um lado, as causas apoiadas e os temas por ela provocados; de outro, a própria polêmica da participação em uma “seita” (HERVIEU-LÉGER, 2004; KAN, 2000).

³ Algumas semanas antes, 30 manifestantes haviam desenhado também com seus corpos nus a frase “No GM”, durante um evento na Grã-Bretanha. A ação raeliana era uma resposta direta a essa iniciativa.

Meu argumento nesta análise é de que as convicções morais dos adeptos ao Movimento Raeliano são, em muitos casos, a base de sua crença na mensagem dos Elohim. Por que não poderia existir uma mensagem religiosa que apoia minorias, iniciativas controversas e polêmicas morais no cenário contemporâneo? É esse o viés que sustenta grande parte da difusão da mensagem raeliana: em vez de buscar convencer o público diretamente acerca da existência dos Elohim, as lideranças investem na divulgação dos valores morais raelianos que atraem atenção e apoios espontâneos que operam como mediadores indispensáveis na construção de sentido e legitimidade à existência de seres superiores que apoiam essa mensagem no âmbito religioso. Nesse sentido, as performances públicas polêmicas não são meras exposições gratuitas de um bando de exibicionistas, mas componentes centrais à dinâmica religiosa raeliana.

Dizer que a mensagem profética alienígena de Raël apoia-se e ganha sentido a partir de um campo moral que lhe serve de base não implica sua desvalorização ou em uma denúncia de ausência de legitimidade. Pretendo sim, em um contexto em que a ideia de “crença” é continuamente colocada em cheque⁴, identificar de que modo mediadores de uma moralidade controversa operam como base e apoio ideológico que mantém de pé as crenças ufológicas. É através da pertinência das causas morais raelianas, polêmicas e socialmente fortes, que se torna plausível e possível a mensagem dos Elohim. Sendo assim, a base dessa modalidade de crença é de âmbito moral e, de tão forte, investe de potência a mensagem profética, mesmo que alienígena⁵.

Tal interpretação entra em choque com análises superficiais da categoria autenticidade. À primeira vista, essa ideia de uma base moral que sustenta a veracidade e a pertinência de uma crença religiosa pode parecer implicar ausência de autenticidade na religião do engajamento *a posteriori*. No

⁴ A noção de “crença” no movimento raeliano enfrenta diferentes desafios: 1) aqueles típicos dos novos movimentos religiosos em que se questiona a existência sólida ou não de um constructo religioso em que se deva ou possa acreditar, contrapondo-se às acusações de charlatanismo de “gurus”; 2) as vicissitudes de um movimento tecno-religioso em que acreditar e constatar cientificamente são pares indissociáveis; 3) as particularidades de grupos ufológicos que implicam a “crença” em seres extraterrestres.

⁵ Cabe indicar sobre o assunto o livro *E.T. Culture: Anthropology in Outerspaces* (BATTAGLIA, 2005), incluindo o capítulo de sua autoria sobre o Movimento Raeliano.

entanto, as reflexões de Chidester (2005) sobre o que ele denomina “falsos autênticos” (*authentic fakes*) colabora de modo muito eficaz nesta reflexão na qual a categoria autenticidade merece especial atenção. Uma autenticidade manejada de fora, nos termos de Chidester, gerida a partir de um centro assumido de conhecimento e poder, é absolutamente insuficiente para compreender situações como a do Movimento Raeliano. Para esse autor, novas religiões desafiam padrões de autenticação (ou “jargões de autenticidade”, em referência de Chidester a Adorno) pautados em métodos históricos de verificação, métodos morfológicos de comparação, testes psicológicos de sinceridade, bem como pressupostos filosóficos. Nenhum deles é suficiente para dar conta de todas as formas possíveis, mesmo que inesperadas e profundamente questionáveis, de identidade existencial, comprometimento genuíno e autenticidade pessoal. De fora da prática antropológica, discursos fáceis sobre a inautenticidade do Movimento Raeliano denunciam seu falso guru e seus adeptos festivos. De dentro do grupo, suas crenças, práticas e vidas, são percebidas camadas muito mais complexas de crença, modalidades de pertencimento e de legitimidade da experiência do que um primeiro olhar sobre uma aparente “falsa autenticidade” pode dar a parecer⁶.

Parada *Gay* de 2005 em Londres: a polêmica na rua

O Movimento Raeliano é marcado por uma necessária inclinação do grupo à performance pública dessa adesão (à) polêmica, através da qual revitaliza-se o sentido e a energia do vínculo. Não basta aderir às causas polêmicas, não basta polemicamente aderir a uma seita, mas é preciso continuamente alimentar o cenário das polêmicas, difundindo no espaço público as causas advogadas. Como espaço público referimo-nos aqui inicialmente à esfera de manifestações públicas de rua.

⁶ Meu trabalho de campo junto a grupos raelianos aconteceu entre 2003 e 2005 como parte de minha pesquisa de doutoramento. Em uma etnografia multisituada, acompanhei eventos e atividades de grupos raelianos no Brasil, na Holanda, na Bélgica, em Londres e, como culminância do campo, participei do Seminário Raeliano Europeu de 2005, em Barcelona, na Espanha.

O modo de ser e tornar-se raeliano passa por uma vivência intensamente performática. Como já analisado em outros trabalhos⁷, os eventos que se realizam em encontros raelianos operam sob a lógica do espetáculo, organizados em uma relação entre palco e plateia, com experiências significativas religiosas que se configuram a partir de exibições no palco, realizadas nos *shows*, e pela capacidade de incorporação da ação espetacular pela plateia, que protagoniza as festas. Tais eventos replicam no interior do Movimento Raeliano modos de produção de fama e processos de celebração próprios da mídia de massa que caracterizam no interior das práticas raelianas signos de “evolução” no complexo processo de elohimização.

No espaço público a lógica performática se reafirma: sob a mesma estética de exibição dos eventos internos do grupo, os membros do Movimento Raeliano posicionam-se no espaço público advogando com cada movimento de seu corpo a firmeza de suas ideias e a convicção de suas atitudes, firmeza e convicção estas ancoradas em apoios éticos e morais muito claros para seus adeptos e, por isso, carro-chefe das principais manifestações públicas do Movimento.

O apoio às causas de grupos homossexuais⁸ é um dos mediadores morais mais poderosos do Movimento Raeliano. Em 2005, participei junto ao grupo raeliano britânico da Parada *Gay* em Londres. Evento simultâneo ao Live 8⁹, a Parada *Gay* aconteceu nas ruas centrais daquela cidade. Éramos poucos representando o movimento: dentre diversas subdivisões da parada, formávamos um grupo de menos de 10 pessoas portando faixas e cartazes de apoio às causas homossexuais.

Ao longo da parada, eram distribuídos panfletos do movimento produzidos especialmente para atrair o interesse de homossexuais para um grupo religioso *gay-friendly*. Apesar da escassez de recursos humanos, em termos quantitativos, para mobilizar a atenção na parada, os adeptos ao grupo que ali se fizeram presentes utilizavam abordagens personalizadas na distribuição de folhetos que pudessem concentrar a atração em sua imagem.

⁷ Ver MACHADO (2008, 2009).

⁸ Sobre a ligação entre relação e sexualidade, ver Duarte (2005).

⁹ Tendo como bandeira o *slogan* “Make Poverty History”, o Live 8 promoveu no ano de 2005 um total de dez concertos simultâneos em diferentes cidades do mundo, com a participação de 150 bandas. Dentre as cidades, destacam-se Berlim, Roma, Paris, Londres e Moscou.

A performance nesse caso encenava-se em cada corpo, em cada movimento, em cada passo firme, assertivo que os membros do grupo dirigiam a um espectador da Parada ao qual oferecia-se um folheto.

Na análise da performance religiosa raeliana e seus efeitos na esfera pública, retomo a leitura de Turner, segundo o qual os gêneros performativos realizam-se na ação e como ação capaz de refletir e provocar reflexões acerca da dinâmica social cotidiana. Além de refletir e fazer refletir, a performance representa um ato de criação, uma fonte da força que renova a vida social. Schechner (TURNER, 1987) destaca na obra de Turner sua compreensão do ritual em sua relação direta com a performance não apenas como um “bastão do conservadorismo social”, mas também um processo liminar que comporta a fonte geradora da cultura. Assim, no sentido apontado por Turner, a performance ritualiza não apenas continuidades mas também rupturas no padrão cultural.

Passeatas, paradas e manifestações de rua sobre temas controversos são formas típicas de ritualização do polêmico na esfera pública, que, no caso específico do Movimento Raeliano, apontam para aspectos fundamentais do modo de ser raeliano e sua relação com modos de exibição de valores e convicções na arena pública. Tais eventos são rituais que pretendem ser de renovação, e não de conservação, reforçando esse duplo potencial ritual apontado por Turner.

Em Londres, uma aura artística envolvia o grupo raeliano. Como já apontado, um componente de fama e celebração envolve o movimento, e em Londres esse aspecto se fazia muito presente, principalmente através do apelo artístico do grupo. Exibir-se era parte da prática profissional de muitos membros do grupo londrino, o que potencializava suas performances públicas. Livia, uma das adeptas ao movimento, dançarina e atriz, durante toda a Parada, atuava através de danças eróticas e movimentos sensuais, típicos representantes das manifestações públicas das causas *gays* nesse tipo de parada (em tom de festa) bem como das atitudes e posturas consideradas tipicamente raelianas. Polêmicas fundidas, fronteiras de adesões mais uma vez imbricadas e indissociáveis. Ser *gay* ou simpatizante significa, nesse cenário, praticamente ser raeliano, e é essa mensagem que os adeptos do movimento querem levar aos “adeptos” da causa homossexual.

A coragem representa também um elemento importante do ser raeliano. A ousadia e a coragem de apoiar causas morais questionadas por uma maioria tradicional são consideradas características tipicamente raelianas, mesmo quando o corajoso ou o ousado ainda não o sabem. A coragem de

realizar atos polêmicos opera como um indício de que uma pessoa pode descobrir-se raeliana. Essa é a retórica adotada por muitos membros do movimento: a ideia de que se descobriam raelianos ao perceberem que já acreditavam nas causas que o movimento apoia e, portanto, em seus princípios, o que inclui por vezes a possibilidade, mesmo que remota, da existência de seres extraterrestres. Mesmo sem uma convicção sobre a causa alienígena, esta facilmente se incorpora a um amplo conjunto moral dentro do qual a existência de seres humanos mais evoluídos faz completo sentido. A crença raeliana é assim fortemente caracterizada pelas suas causas morais antitradicionais, sendo a mensagem dos Elohim o invólucro que opera como explicação e sentido para esse grupo que se vê como moralmente revolucionário.

Polêmicas para a mídia de massa: a potencialização da performance

Ações polêmicas raelianas no espaço público são capazes de mobilizar uma mídia espontânea de efeitos importantes para a constituição desse movimento religioso. Para as lideranças do grupo, torná-lo visível através de suas polêmicas possibilita uma projeção não apenas local de suas ideias, mas também internacional do movimento a baixo custo, mesmo em algumas situações pagando-se o preço de sua ridicularização.

A religiosidade raeliana se organiza de acordo com a lógica da mídia de difusão e da sociedade do espetáculo. Uma linguagem de performance e construção de valores diretamente relacionada aos modelos da expressão midiática configuram as práticas religiosas desse grupo. A atribuição de valores e as definições internas de status no grupo refletem uma fusão intrínseca original entre os paradigmas modernos da mídia e o nascimento de uma religião.

A relação entre mídia e raelianismo poderia ser analisada como uma *apropriação* feita pelo movimento religioso dos modelos comunicacionais seculares, formulando uma teoria implícita de que o mundo secular cria e a religião se apropria. No entanto, rejeitando a separação de esferas típica de uma leitura sociológica moderna, entendo que a matriz social que dá origem a um movimento religioso contemporâneo como o raeliano é composta por referências múltiplas, inclusive a mídia, e com elas interage na constituição

de sua lógica interna não em uma mera apropriação linear, mas gerando efeitos randômicos. Ao surgir como produção intrínseca da modernidade e seus elementos, o Movimento Raeliano em sua condição de religião, passa a integrar essa rede que o originou com igual estatuto de produtor e produto da realidade social (PELS & MEYER, 2003; MEYER & MOORS, 2006).

Dentre os modos de relação entre o Movimento Raeliano e a mídia de massa, destaca-se a linguagem da performance polêmica como viés de atração e convergência espontânea entre essas duas forças: ao Movimento Raeliano, a polêmica serve de “profissão de fé”, e a mídia, como meio de captação de audiência. Sendo assim, a divulgação midiática espontânea das ações polêmicas do movimento opera significativamente para os dois termos da relação.

O exemplo mais notável de polêmica via mídia de massa realizada pelo Movimento Raeliano foi o anteriormente mencionado anúncio do (suposto) nascimento do primeiro clone humano, realizado pelo profeta Raël e pela liderança científica do Movimento Raeliano, Brigitte Boisselier, em âmbito internacional, no ano de 2002. Tal ação produziu os dois efeitos indicados nesse argumento. Por um lado, expôs o movimento a críticas, questionamentos e mesmo intervenções legais¹⁰. Por outro, mobilizou a lógica da polêmica, atraindo o interesse de leigos e curiosos que apoiam ideias de inovações biotecnológicas visando ao desenvolvimento e ao aprimoramento da espécie humana. Compondo esse quadro, a ridicularização do movimento que seguiu esse evento – vindo daqueles que não acreditavam no sucesso da clonagem humana e utilizavam-se da acusação de charlatanismo – fortalece o sentimento de incompreensão dos raelianos que reagem àqueles que os ridicularizam porque ainda não evoluíram o suficiente para compreender a verdadeira mensagem dos criadores extraterrestres.

Essa ação midiática planejada pelo Movimento Raeliano foi inquestionavelmente uma estratégia de sucesso, pois firmou o grupo no campo de referências da mídia popular de massa quando o assunto é clonagem. Apesar de seu pequeno porte, o movimento inscreveu seu posicionamento em uma cultura global e seu imaginário: efeito este obtido através da

¹⁰ Como a prática da clonagem humana é proibida por lei, Brigitte Boisselier teria sido alvo de um processo legal para averiguação de sua atitude criminoso. Vale destacar que esse processo implica a tensão de reconhecer ou não o sucesso da experiência apresentada pelo movimento, ou mesmo da possibilidade de tal iniciativa.

potência midiática de fixação de temas polêmicos que se retroalimentam pela repetição em reportagens sobre o mesmo assunto. Esse é um outro modo de inscrição de uma religião na cultura, através da mediação midiática: ao invés de projetar-se na mídia de massa por uma expressiva participação popular, é pela polêmica suscitada por um pequeno grupo que a mídia de massa se responsabiliza espontaneamente por popularizá-lo e conferir a este grupo grau significativo de legitimidade, mesmo que frágil e questionável.

As ações polêmicas do Movimento Raeliano não pararam com a clonagem. Em setembro de 2004, recebe especial destaque na mídia canadense, e certa difusão na mídia internacional, a participação de Raël no programa de TV *Tout Le Monde en Parle*, transmitido no Québec. Esforçando-se para demonstrar uma postura pautada na seriedade de sua mensagem e seus argumentos, ao longo do programa de TV, Raël foi sendo ridicularizado pelos demais participantes do programa, chegando-se ao ponto de um deles puxar o pequeno coque no topo de sua cabeça, provocando-o como se faz com um palhaço. Sem perder seu ao menos aparente tom de seriedade, Raël manteve-se presente até o momento em que não suportou a provocação e retirou-se do palco.

Ao assistir ao programa, a pergunta que me fazia era o que mantinha Raël naquele espaço de humilhação. Sua face claramente transtornada demonstrava um profundo desconforto. Perguntava-me se esse preço não seria alto demais, mesmo para ele. Sua saída durante o programa respondia à minha pergunta. Conseguir a oportunidade de ser convidado para essa poderosa e fechada mídia de massa era uma oportunidade rara, talvez precedida anteriormente apenas pelos depoimentos dados em 2002 sobre o tema da clonagem. No entanto, os limites a que chegou aquele programa de TV parecem haver ultrapassado os da projeção aparentemente “a qualquer preço” procurada pelas lideranças do Movimento Raeliano. Alguns podem me pensar ingênua, imaginando que Raël estava ciente do que se passaria. No entanto, pelo tempo de convivência que tive com o movimento e com a literatura sobre Raël, percebo na figura desse profeta uma margem de disponibilidade ao ridículo que convive tenuemente com seu orgulho e sua tentativa de controlar a difusão de sua imagem na mídia¹¹.

¹¹ Nos seminários raelianos (encontros anuais com a presença de Raël), é proibida toda forma de produção audiovisual pelos participantes: fotografias, gravações de áudio e vídeo. Apenas a Raël Video Production – RVP – tem o direito de registrar o evento.

Se a intenção explícita da projeção midiática é parte do projeto raeliano¹², a relação com a mídia espontânea tira de seu controle o limite da ridicularização. A imagem de Raël é continuamente exposta ao ridículo, seja na TV ou na internet. Charges e reportagens apresentam o profeta – de aura sagrada e profundamente respeitado no interior do grupo que lidera – como um *clown*, por vezes um charlatão, como alguém que “não pode estar falando sério”, mesmo quando está. Assim sendo, a performance polêmica desdobra-se em outras duas: para o público contrário às seitas, essa é uma imagem do ridículo, destituída de valor religioso e também ético em suas defesas públicas de causas científicas e morais. Para o público interno ao movimento, a ridicularização é ressignificada como uma performance da resistência, resistência esta advinda daqueles que ainda não estão preparados para a compreensão de uma mensagem mais evoluída e, portanto, rejeitada. O “falso autêntico” de Chidester (2005) não se explica totalmente por uma completa falsidade ou plena autenticidade, mas apenas na fronteira entre essas categorias aparentemente inconciliáveis.

Destaco ainda no cenário das polêmicas raelianas uma reportagem na edição de outubro em 2004 da revista *Playboy* com os “anjos de Raël”. Central nas narrativas antisseitas, a devoção de grupos de mulheres a um “guru” pode também ser encontrada no Movimento Raeliano. Fundada em 1997, a Ordem dos Anjos de Raël é formada por mulheres que afirmam haver escolhido se dedicar ao serviço e cuidado dos Elohim e seu profeta. Tendo dentre suas funções a responsabilidade da “difusão da feminilidade”¹³ como modelo de evolução da espécie humana, a Ordem dos Anjos protagoniza diversas cenas públicas em nome de uma maior conscientização das pessoas para a “beleza, a suavidade, o bem-estar e o prazer”.

¹² O IRM conta com uma subdivisão de funções que organiza e sistematiza os responsáveis por cada uma das frentes de atuação do movimento. Um dos principais setores da estrutura raeliana cuida de sua difusão. Dentre suas responsabilidades, está a RVP, que cobre todas as atividades de Raël, preparando vídeos para sua difusão nos meios de comunicação de massa. Nesse setor há ainda um grupo separado chamado Celebrity Team, que tem por objetivo central a difusão do MR entre celebridades da mídia, buscando com esse tipo de adeptos uma disseminação mais efetiva do movimento na mídia.

¹³ Raël faz referências à noção de *feminilidade* como uma característica dos seres mais evoluídos, como os Elohim, associada na cosmologia raeliana às ideias de suavidade, delicadeza, beleza, harmonia, refinamento, sensualidade, entre outras.

Por si só, a existência da Ordem dos Anjos já é uma ação polêmica, provocando o cenário antissectário com um elemento que o atinge diretamente. Entretanto, em vez de recolher-se com vistas a evitar problemas e confrontos, a Ordem exhibe-se para a mídia de massa. As mulheres da Ordem dos Anjos de Raël frequentemente exibem-se seminuas ou nuas nas manifestações do Movimento, e não tardaram a chamar a atenção de uma revista masculina importante. Serem fotografadas pela Playboy foi a coroação das conquistas desse grupo, reconhecido nas fotos pelos atributos que mais procuram desenvolver: sua beleza, sensualidade e sexualidade.

Outro evento chave dessa trajetória significativa de leitura das polêmicas raelianas na mídia de massa é sua presença constante nas ruas do festival de Cannes. Enfatizo aqui dois destaques: a foto dos Anjos de Raël dentre os registros de rua do festival de 2006 e a nota da jornalista Grainne Harrington, da Radio France Internationale, sobre a participação dos raelianos no evento de 2008. Começo pela foto de 2006. Os Anjos que aparecem na referida imagem são duas mulheres negras seminuas, seios à mostra, recobertos apenas por uma pintura na pele que cobre todo o dorso em tom predominante de azul, asas como de anjo nas costas, em posição insinuada em que uma se aproxima do seio da outra como se fosse beijá-lo. Os Anjos de Raël provocam a cena pública com sua sensualidade representada pela exibição de seus corpos seminus, atraindo sobre si a mídia espontânea desejada pelas lideranças do movimento.

Já em 2008 a abordagem pública do grupo foi outra bem diferente. Em vez dos anjos, os representantes do movimento colocaram-se na rua em busca de um produtor para seu filme. O mote da performance era *ET cherche producteur*, e os adeptos vestiam camisas com a imagem de um simpático extraterrestre, cabeça expandida em relação às proporções humanas, grandes olhos, conformado ao padrão lúdico das imagens de ETs, fazendo o sinal “paz e amor” com a mão direita. Entre o lúdico, o polêmico, o artístico (pelo contexto do festival) e o ridículo, essa performance raeliana mais uma vez mobilizou uma parcela espontânea da mídia.

Em sua reportagem com o título “Indy’s back... and so are ET and Poo”, Grainne Harrington, repórter da Radio France Internationale, descreve seu encontro com a manifestação pública raeliana:

No caminho para o *Palais des Festival*, fiquei intrigada com um grupo particularmente estranho. Eles estavam distribuindo panfletos em volta de uma placa gigante que dizia “ET está procurando um produtor”. Um companheiro um pouco tenso me explica que eles

são raelianos e que querem encontrar alguém disposto a fazer um filme sobre suas crenças. Eu já havia ouvido falar sobre eles há muito tempo atrás, mas aquele era meu primeiro encontro com um raeliano de verdade. Raelianos são membros de uma religião que ensina que a Terra foi descoberta há 25.000 anos por alienígenas chamados de Elohim, que ali criaram a espécie humana, e toda a vida no planeta em um laboratório especial. Eles gastam seu tempo tentando levantar dinheiro para a construção de um prédio adequado para receber os Elohim quando de seu retorno à Terra e agora eles querem fazer um filme. Cannes parece um bom lugar como qualquer outro para começar. Eles provavelmente não são as pessoas mais estranhas aqui. Eu pergunto ao rapaz um pouco tenso de onde ele viajou para estar aqui. “Nós estamos em todo lugar, você sabe”, ele replica, olhando para mim intensamente¹⁴.

Inesperadamente, a repórter não enfatiza críticas ao movimento, como de costume em reportagens sobre o grupo e sua crença nos ETs. O contexto artístico de um festival de cinema suaviza a crítica e recebe melhor a performance raeliana. Grainne descreve o interesse dos raelianos na produção de um filme sobre suas crenças como mais um elemento no caleidoscópio de demandas por investimentos da indústria cinematográfica que se configura em Cannes. Apesar de estranhos, os raelianos, através da ótica de Grainne, não são os mais estranhos que ela já encontrou por lá.

Em mais uma cena pública, o Movimento Raeliano protagoniza um evento que provoca polêmica, interesse e, como tal, atrai mídia espontânea. No entanto, mais uma vez, tangencia o risco ao ridículo público, minimizado nesse caso pelo ambiente artístico das ruas de Cannes no período do festival e, nesse caso, pela abordagem profissional mais receptiva da repórter autora do referido relato.

A exposição do Movimento Raeliano na mídia de massa, como observamos, nem sempre conta com uma aproximação empática de repórteres e jornalistas. O jogo que predomina se dá entre um movimento que se expõe publicamente, assumindo o risco do ridículo em nome de sua difusão, e uma indústria cultural de massa sedenta por *frickies*, estranhos a serem destacados em suas reportagens.

¹⁴ Disponível em: http://www.rfi.fr/actuen/articles/101/article_436.asp. Acesso em 5 de janeiro de 2009 (Tradução livre da autora).

Considerações finais

Este artigo procurou analisar a relação entre religião, esfera pública e mídia de massa na configuração das políticas de difusão e construção de legitimidade e pertencimento dos membros do Movimento Raeliano. Como condução da discussão, focou-se na construção de performances polêmicas típicas do movimento e nos modos pelos quais essas ações polêmicas e sua difusão operam como elementos centrais à experiência raeliana. Discutiu-se o modo como uma convergência moral das causas polêmicas defendidas pela mensagem raeliana opera como mediação fundamental à aceitação da profecia extraterrestre que caracteriza e explica a origem das bandeiras morais raelianas.

Como campo mais amplo de reflexões, este artigo pretendeu suscitar questões sobre a eficácia de critérios tradicionais de autenticidade como via de análise de novos movimentos religiosos, apoiando-se nas análises de Chidester (2005) sobre “falsos autênticos”. Interessa nesse contexto manter aberta a discussão acerca dos critérios utilizados na classificação de experiências religiosas legítimas, bem como um debate sobre os conceitos de religião e autenticidade com os quais e para os quais a antropologia vem trabalhando. Faz-se, assim, importante destacar a ideia de que estudos sobre novos movimentos religiosos desafiam e são desafiados por padrões de autenticação, assim como pelo contexto da mídia de massa, no qual por vezes o falso nos parece autêntico e o autêntico soa convictamente como falso.

Referências

- BATTAGLIA, Debora (Ed.) (2005) *E.T. culture: anthropology in outerspaces*. Durham; London: Duke University Press.
- BECKFORD, James (1985). *Cult controversies: the societal response to new religious movements*. London; New York: Tavistock Publications.
- BIRMAN, Patrícia (2005) “Fronteiras espirituais e fronteiras nacionais: o combate às seitas na França”. *Mana*, v. 11, nº. 1, p. 7-39.
- (1999). “Entre França e Brasil: viagens antropológicas num campo (religioso) minado”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, nº. 10, p. 35-60.
- BIRMAN, Patrícia (Org.) (2003) *Religião e espaço público*. São Paulo: CNPq/Pronex/Attar Editorial, 2003.
- CHIDESTER, David (2005) *Authentic fakes: religion and american popular culture*. Berkeley: University of California Press.

- CHRYSSIDES, George D. & WILKINS, Margaret (Eds.) (2006). *A reader in new religious movements*. London; New York: Continuum Books.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias (2005) "Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira". In: HEILBORN, Maria Luiza *et al.* *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, p. 137-176.
- GIUMBELLI, Emerson (2002) *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle (2004) "France's obsession with the 'sectarian threat'". In: LUCAS, Phillip Charles & ROBBINS, Thomas. *New religious movements in the twenty-first century: legal, political and social challenges in global perspectives*. New York; London: Routledge, p. 49-54.
- HEXHAM, Irving & POEWE, Karla (1997) *New religions as global cultures: making the human sacred*. Colorado, USA: Wetview Press.
- KAN, Elio Masferrer (Coord.) (2000) *Sectas o Iglesias: viejos e nuevos movimientos religiosos*. Colômbia: Aler e Plaza Y Valdes Editores.
- MACHADO, Carly (2009) "Prophecy on stage: fame and celebrities in the context of the raelian movement". In: MEYER, Birgit (Ed.). *Aesthetic formations: media, religion and the senses*. New York: Palgrave Macmillan, p. 207-224.
- (2008) "Profecia na era midiática: a mídia de massa como campo sagrado do Movimento Raéliano". *Os Urbanitas: Revista de Antropologia Urbana*, ano 5, v. 5, nº. 8. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/osurbanitas8/carlymachado-RAM-2008.html>. Acesso em 30 de abril de 2011.
- MEYER, Birgit & MOORS, Annelies (Ed.) (2006) *Religion, media and the public sphere*. Bloomington; Indianapolis: University of Indiana Press.
- PELS, Peter & MEYER, Birgit (2003) *Magic and modernity: interfaces of revelation and concealment*. Stanford, California: Stanford University Press.
- TURNER, Victor (1987) *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications.
- WAINBERG, Jacques; CAMPOS, Jorge & BEHS, Edelberto (2002) "Polemista, o personagem esquecido do jornalismo". *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 25, nº. 1, p. 47-68.
- RAËL (2003a) *Literatura nativa: a mensagem transmitida pelos extraterrestres*. Porto Alegre: Imprensa Livre.
- (2003b) *Sim, clonagem humana!* Porto Alegre: Imprensa Livre.
- (1998) *Intelligent design. Message from the designers*. E-book. Disponível em <http://www.rael.org>. Acesso em 09 de abril de 2005.

Recebido em
maio de 2011

Aprovado em
julho de 2011